

CONDIÇÕES DO CORPO, PROJEÇÕES DA ALMA: A RELAÇÃO ENTRE SAÚDE, DOENÇA E ESPIRITUALIDADE NA IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL

Alexandre Leite Souza Faria

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a forma como se estabelece a relação entre saúde, doença e elevação espiritual no interior do sistema religioso da *Sekai Kyusseï Kyo*, denominada no Brasil de *Igreja Messiânica Mundial*. Desta forma, procuramos por em questão a dinâmica interpretativa do seu corpus doutrinário, bem como a aplicabilidade dessa visão religiosa sobre a saúde na vida cotidiana, tanto por parte do seu corpo sacerdotal, quanto pelos membros desta religião no Brasil.

Palavras-Chave: novas religiões japonesas; Igreja Messiânica Mundial; johrei; sociologia da saúde e da doença

BODY'S CONDITIONS, SOUL'S PROJECTIONS: THE RELATION BETWEEN HEALTH, DISEASE AND SPIRITUALITY AT CHURCH OF WORLD MESSIANITY**ABSTRACT**

This article is an analysis of how is the relation between health, disease and spiritual elevation inside religious system of the *Sekai Kyusseï Kyo* (*Church of World Messianity*), a religious movement that belongs to the field of the new Japanese religions. Therefore, we aim to discuss the dynamic of Messianity religious perspective about health and disease that is used by their clerical members and the religious followers in Brazil to deal with the circumstances of everyday life.

Key-words: new Japanese religions; Church of world Messianity; johrei; sociology of health and illness

Introdução

Ao longo dos tempos, as sociedades humanas sempre atravessaram grandes transformações que impactaram sobremaneira nas suas configurações e nas suas estruturas como organizações de comunidades humanas. Tais transformações foram fruto de um jogo de força que implicou no desenvolvimento material e intelectual de algumas destas sociedades em detrimento de outras, que serviram como objeto de dominação e de expropriação. Em um desenvolvimento desigual, sociedades avançaram sobre outras, aumentando o seu estoque de poder, riqueza e tecnologia, tornado possível a ampliação do seu espectro de influência para além do seu espaço territorial.

Todavia no mundo contemporâneo, tais transformações parecem ganhar um ritmo exponencialmente mais intenso e de maior abrangência, além de características muito peculiares. Embora o uso da violência não tenha sido abolido, uma dominação no campo da cultural parece ser muito frequente. Visões de mundo baseadas na cultura ocidental se tornam cada vez mais hegemônicas, sendo adotados por sociedades de matrizes culturalmente distintas. Embora não possamos descartar movimentos de resistência a essa hegemonia, o modelo de ciência concebido no ocidente, suas formas de governo, especialmente a democracia, visões sobre religiosidade e busca do sagrado, concepções éticas e morais, são apresentadas como as melhores possíveis e se singularizam como modelo de um processo civilizatório de grande êxito e capaz de levar à civilização sociedades ainda consideradas como aquém das etapas atingidas pelas sociedades ocidentais.

Essa hegemonia do pensamento ocidental, apesar de não se manifestar de forma homogênea, vem submetendo a existência humana a processos que ensejam uma reconfiguração na forma como cada um de nós se posiciona diante da vida e dos desafios que ela nos apresenta. Com o impacto das novas tecnologias, a expansão da tecnologia informacional e o acesso a informação em tempo real, a abreviação das distâncias físicas pelo desenvolvimento dos transportes, os avanços da biotecnologia e das ciências médicas, parecem alterar inclusive as nossas percepções em relação a dinâmica tempo\espaço. Assim, nos achamos frente a uma nova dinâmica da existência, seja no âmbito das nossas relações com outros seres humanos, na aquisição de bens e serviços, na nossa interação com a natureza, onde percebemos de maneira mais clara hoje o impacto que as nossas ações

acarretam no meio ambiente, ou mesmo na relação do ser humano com o seu próprio corpo, aspecto que nos é particularmente caro para os objetivos do presente texto.

Nesta relação com o corpo, tanto no que diz respeito aos estados em que os indivíduos são considerados como dotados de saúde, quanto em relação às afecções ou patologias a que eles podem estar sujeitos, são grandes as preocupações com a mutação dos vírus e das bactérias, desafiando a ciência com o advento de novas doenças e de um leque novo de novos microorganismos. Além do surgimento desta nova gama de doenças desconhecidas pela medicina, vemos também o retorno de patologias que já tinham sido consideradas como eliminadas do seio da sociedade.

Como se não fosse suficiente, temos uma preocupação cada vez maior com a produção dos alimentos destinados ao consumo humano, mais especificamente com as implicações oriundas da utilização de adubos químicos, fertilizantes e defensivos agrícolas aplicados nas plantações e lavouras, além do uso de antibióticos e hormônios que favorecem o crescimento de aves e do rebanho bovino. Tais fatores acabam por colocar em suspeita a qualidade destes alimentos, fazendo surgir acalorados debates sobre as consequências danosas que tais agentes químicos poderão causar ao solo, aos animais e o seu impacto negativo no consumo destes alimentos por seres humanos, podendo, segundo alguns estudiosos, comprometer a vida dos seres humanos. Tais consequências são levantadas pelo cientista *Theo Colborn*, em estudo de grande divulgação na década de noventa:

Na luta pela sobrevivência, todas as criaturas transformam o que está em seu entorno. Faz parte da mecânica da vida. Assim tem sido desde que os microorganismos começaram a mudar a aparência química da atmosfera terrestre, há mais ou menos dois bilhões de anos. Também foi assim com os seres humanos. Caçamos, coletamos frutas, derrubamos florestas, fizemos plantações, represamos rios, erguemos cidades, sujamos riachos, construímos fábricas e arremessamos estradas de ferro através de planícies desoladas [...] Mas, durante a maior parte dos poucos milhões de anos desde que o ser humano vaga pelo planeta, o impacto foi discreto. [...] a escala das transformações provocadas pelo ser humano sempre pareceu pequena quando comparada à escala das forças da natureza que moldaram o planeta. [...] Hoje isso mudou. O século XX é um divisor de águas na relação entre o ser humano e a terra. O poder formidável e sem precedentes da ciência e da tecnologia, combinado ao número de pessoas que vivem sobre o planeta, transformaram a escala do nosso impacto de localizado e regional para global. Com esta transformação, passamos a mexer nos sistemas fundamentais que sustentam a vida. Tais alterações equivalem a um grande experimento global- em que tanto a humanidade como todos os outros seres vivos da Terra passaram a ser cobaias involuntárias. (COLBORN, 1997, p.269)

Todavia, retomando o nosso foco para a experiência humana com a sua corporeidade, ressaltamos que ela não se processa de maneira direta, muito menos somos dotados de uma

capacidade natural de conhecermos as condições de saúde ou de enfermidade do nosso corpo. Ao contrário, essa experiência com o corpo tem a cultura como ambiente e veículo mediador de nossas percepções das afecções que atingem o nosso corpo. Nesse sentido, muito do que sabemos sobre ele passa pela lente do nosso “ethos cultural”. São as especificidades de nossa cultura que irão fornecer um quadro dotado de sentido sobre a maneira como nós iremos perceber essa relação com o corpo, atribuindo, mediante tais percepções, valores particulares e específicos que a nossa sociedade elegeu como os mais adequados, e que podem ser considerados como estranhos ou incompreensíveis para os que não pertencem a esse sistema cultural. Sobre a relevância da cultura na relação do homem com o seu corpo, Geertz assinala que:

[...] Nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura- não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura: do buana e javanesa, hopi e italiana, de classe média e classe baixa, acadêmica e comercial. A grande capacidade de aprendizagem do homem, sua plasticidade, tem sido observada muitas vezes, mas o que é ainda mais crítico é sua extrema dependência de uma espécie de aprendizagem: atingir conceitos, a apreensão e aplicação de sistemas específicos de significado simbólico. [...] os homens constroem diques ou refúgios, localizam o alimento, organizam seus grupos sociais ou descobrem seus companheiros sexuais sob a direção de instruções codificadas em diagramas e plantas, na tradição da caça, nos sistemas morais e nos julgamentos estéticos: estruturas conceptuais que moldam talentos amorfos. [...] entre o que o nosso corpo nos diz e o que devemos saber a fim de funcionar, há um vácuo que nós mesmos devemos preencher, e nós o preenchemos com a informação (ou desinformação) fornecida pela nossa cultura. A fronteira entre o que é controlado de forma inata e o que é controlado culturalmente no comportamento humano é extremamente mal-definida e vacilante. (GEERTZ, 1989, p.36)

Desta forma, tendo como pressuposto esta variabilidade intrínseca aos sistemas culturais, a tentativa de compreender os aspectos relativos à morbidez ou a saúde do corpo já se constitui em um ponto crítico. Este aspecto torna complexa qualquer tentativa de análise de cunho científico em relação a noções como saúde, estados patológicos do organismo humano, ou mesmo sobre os graus de sensibilidade e de tolerância às dores e sofrimentos que decorrem de tais processos a que cada grupo cultural encontra-se submetido, pois “a pertença a uma cultura fornece ao indivíduo os limites dentro dos quais operam-se essas interpretações relativas aos fenômenos corporais e, em particular, a doença e seus sintomas”(ADAM, 2001,p.70)

Assim, embora identifique como ponto comum a experiência do estar doente o sofrimento que este estado provoca e a esperança da melhora como fatores possíveis de ganharem generalidade, o antropólogo francês, *François Laplantine*, ao analisar as possibilidades de construção de uma teoria antropológica sobre a doença, nos adverte para o

alto grau de variabilidade em termos institucionais, de seus construtos teóricos elaborados no campo da medicina, bem como as nuances de compreensão sobre os sentidos do corpo e suas enfermidades que são elaboradas de maneira distinta por cada grupo social:

A primeira dificuldade de um empreendimento que, como o nosso, se pretende decididamente metacultural e visa fazer surgir e analisar formas elementares da doença e da cura, advém do fato de que as maneiras pelas quais essas formas são representadas de uma sociedade para a outra são extremamente díspares, e de que numa mesma sociedade, em um certo momento de sua história, as correntes médicas, os sistemas de pensamento, as escolas, os comportamentos sociais são extremamente variados, e a essas variações sociais acrescentam-se as variações individuais. (LAPLANTINE, 2004, p.11)

Apesar das especificidades que podemos encontrar nas mais distintas culturas sobre noções de saúde e de doença corporal, e que foram mencionadas por Laplantine, é possível identificar uma hegemonia relativa do pensamento científico sobre as afecções do corpo, decorrente do desenvolvimento da própria ciência médica e a construção de novos conhecimentos científicos, aliado aos avanços em tecnologia de ponta aplicada na investigação de doenças. Estudos no campo da história da medicina demonstram que tais desenvolvimentos aperfeiçoaram os modelos de diagnósticos das doenças e distúrbios que afetavam os corpos, dando maior precisão, rapidez e eficácia na obtenção de uma melhor condição de vida (ADAM & HERZLICH, 2001; DIXON & SWEENEY, 2000; GILMAN, 1995; HUDSON, 1983; LOUDON, 1997; MAGNER, 1994; PORTER, 1996).

Estas recentes descobertas no campo da saúde humana, com o intuito de identificar, diagnosticar e fornecer um tratamento eficiente para diversas patologias, tem contribuído para prolongar as expectativas de vida para as populações que podem usufruir de tais recursos e de se submeterem aos tratamentos mais avançados. Embora tais tratamentos não atinjam boa parte da população mundial, que ainda sofrem com doenças que poderiam ser facilmente curadas com o acesso aos medicamentos destinados para estes fins, novas drogas e medicamentos têm sido aplicados no tratamento de doenças consideradas em um passado não muito remoto como incuráveis.

Todavia, apesar destes inegáveis avanços no campo da medicina e de seus tratamentos contra as mais distintas patologias humanas e em sua luta pela preservação da vida, essa ciência, em seu processo de formação como campo científico do conhecimento humano, sempre sofreu ataques e desconfiança quanto a sua capacidade de fornecer as ferramentas dotadas de condições suficientes para o estabelecimento de uma saúde plena para os indivíduos. Assim, muitos foram os tratamentos que surgiram na tentativa de preencher os

espaços deixados vazios pela medicina alopática, especialmente no século XIX, quando novos movimentos eclodiram principalmente na Europa e nos Estados Unidos.

Dentre estes tratamentos, podemos citar alguns, tais como a homeopatia, desenvolvida por Samuel Hahnemann (1755-1833) na Alemanha; a hidropatia, que foi proposta pelo austríaco Vincent Priessnitz (1799-1851); o Thomsonismo, de Samuel A Thomson (1769-1843), entre outros. Todas essas linhas alternativas de tratamento tinham como norte a aproximação com a natureza e a busca por métodos de cura que estivessem pautados pela simplicidade, bem como pela ideia de que o corpo humano seria dotado de uma capacidade natural para se recuperar das moléstias ou enfermidades¹. Dando destaque a ascensão dos inúmeros movimentos de práticas alternativas de saúde que surgiram no cenário norte-americano, o historiador Roy Porter nos informa que,

Rejeitando o niilismo médico dos profissionais convencionais, as seitas alternativas norte-americanas entraram em alta. A natureza era benevolente e, se as pessoas simplesmente atentassem para as suas leis, o corpo ficaria naturalmente bem. Tal foi a mensagem esperançosa da osteopatia, criada em 1874 pelo Dr. Andrew Taylor Still [...]. Still proclamava a capacidade intrínseca do corpo de fazer-se sarar. (PORTER, 2004, p.69)

As práticas desse tipo de medicina alternativa ou complementar foram ganhando mais destaque no século XX, mais precisamente nos movimentos da contracultura surgido nos anos de 1950, com o movimento *beatnik*, estendendo-se pelos anos de 1960 e 1970. Nestes períodos, de uma maneira bem ampla, eclodiram movimentos políticos, tais como os protestos contra a guerra do Vietnã, a luta pelos direitos civis, expressos nos conflitos de maio de 1968 na França e na primavera de Praga, também no mesmo ano. Esses movimentos de contestação e protesto também tiveram o seu foco voltado contra as formas tradicionais de configuração familiar e de comportamento sexual, procurando oferecer novas possibilidades nestas áreas, introduzindo novas maneiras de sociabilidade e de interação sexual. Além disso, temos a descoberta de novas drogas alucinógenas e psicoativas, fruto da busca pela ampliação da consciência que trouxessem novas maneiras de ver o mundo a sua volta.

Na esfera das práticas espirituais, ocorreu a busca por modelos de religiosidade que tinha sido engendrado fora do padrão judaico-cristão de se relacionar com Deus e com o caminho da espiritualidade. Dessa maneira, descobrem-se filosofias e religiões de matriz oriental, onde sábios, mestres e gurus são cultuados como baluartes de uma nova cultura, uma

¹ Para uma abordagem mais detalhada deste processo de eclosão de novas formas de práticas não ortodoxas de tratamento da saúde humana, ver: HINNELL, John & ROY Porter (orgs.). *Religion, Health and Suffering*. London: Kegan Paul, 1999.

cultura da nova era de aquário, capaz de promover e facilitar o momento de transição pelo qual o mundo estava atravessando².

O Brasil, embora em outro período, também foi atingido por esse movimento da contracultura. Nos anos sessenta, Segundo Magnani, o contexto social brasileiro, marcado por questões de cunho político, impulsionava o país para engajamento mais laicos, em que os temas culturais giram em torno de expressões artísticas que visem a ampliação dos direitos civis. É somente nos anos setenta, com a repressão às formas de engajamento político, que, segundo este autor, começamos a presenciar “o surgimento dos aspectos mais místicos e individualizados do movimento Nova Era” (MAGNANI, 2000, p.16), o que inclusive impulsiona e faz ressurgir com mais força movimentos de caráter místico que já estavam presentes no Brasil em tempos anteriores, tais como o Círculo esotérico da comunhão do pensamento, a Sociedade Antroposófica do Brasil, a Rosacruz, modalidades de artes marciais, bem como boa parte das religiões de matriz japonesa.

No escopo do movimento da Nova Era, tivemos pessoas e grupos que serviram de catalisadores de tal tendência e realizaram atividades que tinha o cunho de protesto e de insurreição em relação aos modelos tradicionais de arte, política, vida em sociedade, família e mesmo de expressões de religiosidade em que foram feitas novas combinações e experimentações. Movimentos como a Tropicália, artistas como Raul Seixas, Paulo Coelho, Gilberto Gil, Caetano Veloso e Beto Guedes, deram o tom a este movimento da Nova Era, em uma busca por formas alternativas de convívio social e com a natureza. Some-se a isso, a criação de várias comunidades alternativas, destinadas a por em prática formas de sociabilidade que fornecessem novos caminhos para a existência humana.

O campo dos movimentos da “Nova Era” e as novas religiões japonesas no Brasil

No que concerne ao campo da experiência com o sagrado, aportaram no Brasil algumas expressões de práticas e modelos de espiritualidade oriental que já tinham sido cultuados nos Estados Unidos e Europa, ou que se originaram de práticas alternativas autóctones de tratamento do corpo e do espírito. Movimentos como os *Hare Krishna*, certas práticas meditativas de origem indiana, em especial as desenvolvidas por Guru *Bhagwan Shree Rajneesh* (Osho), as diversas sociedades *teosóficas*, o movimento *antroposófico*, a

² Com respeito às atitudes não-ocidentais no campo da saúde humana, ver: Hinnells & Porter, 1999; Kleinman, 1980; Sfez, 1996.

acupuntura e os tratamentos baseados em medicina chinesa, tais como o do-in, shiatsu e moxabustão, as artes marciais, correntes do budismo (*Soto Zenshu*, *Nitiren Shonin*), além das novas religiões japonesas, tais como a *Sokka Gakkai*, *Perfect Liberty*, *Seicho-no-Ie*, *Igreja Messiânica Mundial*, entre outras manifestações.

Todos estes movimentos citados acima fazem parte das novas formas de expressar comportamentos ou condutas religiosas que tem por objetivo a busca por caminhos direcionados à elevação espiritual do ser humano. tais práticas são costumeiramente anexadas ao grande guarda-chuva conceitual classificado como Nova Era, ou, como é designado em língua inglesa, *New Age Movement*³. Entretanto, estes movimentos não podem ser vistos ou enquadrados em uma classificação muito ampla, pois cada um deles possui determinadas particularidades que os diferenciam entre si. Segundo o antropólogo *José Guilherme Magnani*,

O sentido original da expressão Nova Era provém da cosmologia astrológica: refere-se a uma mudança-ocasionada pela chamada precessão dos equinócios- no aparente sistema solar em relação ao zodíaco. [...]. Os astrólogos acreditam que atualmente estamos entrando em uma nova era, momento que sempre anuncia ou acarreta importantes modificações para a humanidade. [...]. A nova era que agora se inicia é a Era de Aquário, trazendo ou anunciando profundas alterações para os homens em sua maneira de pensar, sentir, agir e relacionar-se uns com os outros, com a natureza e com a esfera do sobrenatural. (MAGNANI, 2000, p.9-10)

Sobre estas novas religiões oriundas do Japão, tais particularidades são cruciais e devem ser delineadas, não obstante a alocação das mesmas no campo mais amplo dos Movimentos do tipo Nova Era. Tal distinção mais apurada é fundamental para que possamos conhecer melhor suas características particulares, suas singularidade, auxiliando na relativização deste enquadramento genérico. Ao analisar estes movimentos como fato social dotado de capacidade de gerar comportamentos coletivos, Magnani afirma que:

A opção de estender o alcance da denominação Nova Era, se de um lado permite abarcar outras propostas com ela sintonizadas, tem seu inconveniente: favorece o argumento daqueles que vêm nesse movimento uma bricolagem de crenças, práticas, objetos de consumo e ritos sem qualquer estrutura ou princípio a não ser a arbitrária decisão de cada adepto de fazer seu próprio mix. [...] Apesar da heterogeneidade, as atividades comumente enfeixadas sob esta denominação não se reduzem a um amontoado de práticas desconexas, mas apresentam padrões e regularidades. (MAGNANI, idem, pp.26-27)

³ Vários estudos vêm produzindo vasto material sobre os movimentos que respondem pela denominação de Nova Era, entre eles: Carozzi, 1999; Magnani, 1999; Luz, 2000; D' Andréa, 2000; Siqueira & Lima, 2003.

Esta afirmação de Magnani sobre a necessidade de tomarmos cuidado com tais classificações que colocam em um mesmo conjunto práticas muitas vezes opostas entre si pode servir como premissa para tornar mais precisa as nossas análises sobre o universo das novas religiões japonesas. Já na própria definição do que seria este movimento e a relação com o calendário dos signos do zodíaco, vemos a primeira distinção. Partindo de um universo distinto do ocidente, estas religiões utilizam marcos simbólicos diferentes para a construção de suas cosmologias, com calendário próprio para marcar o tempo do mundo terreno e o universo do mundo místico. Outro exemplo que poderia ser apresentado é a relação entre o bem e o mal, ou entre as energias positivas e negativas. Embora considerem a sua existência, elas não são vistas como polos opostos e de origem distinta. Ao contrário, oriundas de uma mesma fonte e presentes em todos os elementos da natureza, inclusive no ser humano, elas são fundamentais para que o universo possa continuar o seu movimento de expansão e de aperfeiçoamento.

Trazidas pelos primeiros imigrantes japoneses que se estabeleceram no território Brasileiro nas primeiras décadas do século XX, os aspectos relacionados com a cura se convertem em partes constituintes de várias destas denominações religiosas, o que acaba por fornecer todo um capital simbólico⁴ a tais práticas que comumente tendemos a perceber e a classificar como pertencente a mística oriental. Estas novas denominações religiosas surgem no Japão na primeira metade do século XX, excetuando-se a Igreja *Tenrikyo*, que teria sido fundada em um período anterior ao das demais religiões japonesas. Peter Clarke, historiador inglês, que se dedicou ao estudo das novas religiões japonesas, destacou a motivação e o ambiente que influenciou o surgimento desta vasta gama de novos movimentos religiosos no Japão, ressaltando o contexto histórico em que elas foram fundadas naquele país:

As novas religiões japonesas, algumas das quais eram uma resposta aos adversos efeitos sociais e humanos da rápida modernização do Japão, adentraram este contexto e começaram a oferecer curas, sua característica mais interessante, uma ética para a vida cotidiana num ambiente competitivo e super povoado, novas formas de comunidade, rituais de reforço dos laços familiares rompidos pela migração, aconselhamento sobre a criação de filhos no ambiente urbano e técnicas para enfrentar o estresse, ao mesmo tempo em que ofereciam preparar mentalmente as pessoas para que pudessem maximizar os benefícios a serem absorvidos de um envolvimento total com a vida. (CLARKE, 2000, p.6-7)

⁴ Utilizamos o conceito de capital simbólico da mesma maneira como é aplicada por Pierre Bourdieu, quando define este capital como “Uma propriedade qualquer, força física, riqueza, valor guerreiro, que, percebida pelos agentes sociais dotados de categorias de percepção e de avaliação que lhes permitem percebê-la, conhecê-la, torna-se simbolicamente eficiente, como uma verdadeira força mágica (...). Esse capital simbólico é comum a todos os membros de um grupo”. Ver Pierre Bourdieu. Razões práticas. Sobre a teoria da ação. 4ª ed. Campinas/SP: Papirus Editora, 2003. pp.170-171.

Muitas destas religiões promovem tratamentos, sejam em formas de oração, imposição das mãos, recitação de sutras e salmos e exercícios espirituais de meditação e relaxamento que objetivam promover a melhora na qualidade da saúde física e espiritual de seus fiéis e freqüentadores. Sobre a estreita relação que estas religiões estabelecem entre cura e religião, alguns estudos recentes vêm sendo desenvolvidos sobre esse grupo de religiões oriundas do Japão, entre as quais podemos encontrar a *Oomoto Kyo*, *Mahikari*, *Reiyukai*, *Soka Gakkai*, *seicho-no-Ie*, *Perfect Liberty* e a própria Igreja Messiânica Mundial, que é denominada no seu país de origem de *Sekai Kyussei Kyo*⁵. (ALBUQUERQUE, 1999, 2004; BARKER, 1989; BECKFORD, 1987; CLARKE, 1997, 1999, 2000; CHRYSSIDES, 1999; INOUE, 1985, 1996; MATSUOKA, 2001, 2007; MORI, 1988; NAKAMAKI, 1985, 2003; ORO, 2000; PEREIRA, 1992; SANTOS, 2002; SHIMAZONO, 1996; TOMITA, 2004;USARSKI,2002;)

Outro ponto que marca aspectos particulares destas religiões japonesas é o que se refere a uma suposta liberdade no pertencimento e permanência em tais espaços de busca espiritual, fator apontado como uma das características dos movimentos Nova Era. Ao invés desta propalada liberdade de vinculação, o que identificamos foi a presença de normas de conduta bem claras, com a existência de determinados procedimentos, bem como a presença de um parâmetro classificatória no que diz respeito aos graus hierárquicos que compõem a estrutura destas religiões, delineando não só uma hierarquia objetivamente estruturada de quem ocupa determinada posição superior ou de subordinação, mas também uma marcação precisa dos espaços que são interditos aos que não são sacerdotes ou que estão vinculados a elas em decorrência de trabalhos missionários executados desde longa data.

Estas novas religiões japonesas, em sua dinâmica de funcionamento institucional, são compostas por um corpo sacerdotal hierarquicamente constituído e regulado, possuindo departamentos que se encarregam tanto da parte litúrgica, quanto dos aspectos relacionados a expansão destas igrejas ao redor do mundo, objetivando a ampliação no seu número de fiéis. Igrejas como a *Perfect Liberty*, *Seicho-no-Ie* e a *Igreja Messiânica Mundial*, estabelecem estratégias de expansão de suas doutrinas pelo Brasil e em outros países, seja por meio de

⁵ Embora estejamos utilizando a denominação que lhe é atribuída aqui no Brasil, no Japão, o que conhecemos por *Sekai Kyussei Kyo*, ou Igreja Messiânica Mundial é, na verdade uma maneira simplificada de nomear esta instituição religiosa, que, logo após o falecimento do seu fundador, sofreu inúmeras divisões, surgindo várias dissidências e que hoje estão reunidas em três grandes grupos, a saber: *Shinsei*, *Saikens* e *Godji*. Além disso, temos no caso específico do Brasil o surgimento de outros grupos dissidentes provenientes do grupo de missionários que vieram do Japão para esse país, tais como: Comunidade Messiânica Universal, Templo Luz do Oriente. Para maiores detalhes ver: GONÇALVES, H.R. O Fascínio do Johrei, um Estudo sobre a Religião Messiânica no Brasil. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC/SP, 2003.

distribuição de seus sacerdotes e missionários nas mais diversas cidades, seja por meio de divulgação na mídia de seus materiais doutrinários.

No Brasil, estas novas religiões japonesas conseguiram ultrapassar as fronteiras da cultura local, obtendo uma resposta positiva em termos de aceitação de seus pressupostos religiosos em diversas localidades, muitas vezes configurando um quadro no seu corpo de membros em que a maioria é constituída de pessoas que não são descendentes de japoneses. De acordo com pesquisas feitas por *Masanobu Yamada*, uma das características que recebeu acolhida positiva em outras culturas foi o aspecto do *vitalismo* contido nestas religiões. Esse vitalismo é inerente a idéia de salvação intramundana, em que os homens devem empreender esforços para a conquista de uma libertação das amarras que impedem o seu desenvolvimento espiritual neste mundo, e não em um paraíso deslocado e apartado do plano material:

A concepção vitalista da salvação é uma idéia de consciência religiosa extraída das doutrinas das novas religiões japonesas. Uma das características dessa concepção é que ela prioriza a conquista da salvação neste mundo, divergindo profundamente do aspecto transcendente ou de negação deste mundo que permanece característico às religiões tradicionalmente estabelecidas. Isto é, enfatiza os benefícios mundanos (em japonês, *Genzeriyaku*) e demonstra pouca preocupação pela salvação da vida após a morte [...]. O que reside no centro dessa consciência é o conceito de “vida original”, um conceito que, ao mesmo tempo, funciona como um resumo das doutrinas das novas religiões japonesas. De acordo com essa idéia, o cosmos é encarado como um corpo vivo ou uma força vital com fertilidade eterna, o qual, às vezes, é compreendido como uma divindade. É considerado ser, a um só tempo, a fonte de onde toda vida emana e a fonte que nutre toda a vida. A idéia que resulta disso é que todas as coisas são harmoniosas, interdependentes, mutuamente solidárias, e em constante crescimento. Uma vez que o ser humano é uma parte do universo, ele naturalmente julga ter uma existência originada e nutrida pela vida original. A natureza humana é interpretada como sendo divina, despoluída, pura e perfeita, tornando-se possível, dessa forma, retornar ou unir-se à Vida Original. (YAMADA, 2004, p.2)

A relação entre saúde e espiritualidade na Igreja Messiânica Mundial

No caso específico do campo destas novas religiões japonesas, trazemos aqui, como objeto de análise, a Igreja Messiânica Mundial do Brasil. Diferente de outros sistemas religiosos que visam empreender esforços na aplicação de procedimentos espirituais que tem por objetivo a salvação da alma e o vilipêndio do corpo, considerando este mundo como um local de dor e sofrimento, Esta religião possui uma peculiar ligação entre saúde e espiritualidade, promovendo uma correlação entre salvação e promoção da saúde. Em sua doutrina, elaborada por Mokiti Okada, seu fundador, a salvação não deve permanecer restrita ao âmbito do espírito, devendo ser conduzida de maneira a atingir também o corpo material,

este último visto como intimamente ligado ao espírito, sua outra contraparte. Segundo Mokiti Okada, a salvação só será completa e realmente efetiva se tanto o corpo espiritual quanto o corpo material forem salvos, desconsiderando qualquer busca espiritual de cunho unidirecional (OKADA, 1980, 1985, 1986, 1989, 1993).

Desta forma, existe uma projeção das condições do espírito no corpo material, ou seja, a boa ou má saúde é determinada pelo grau de pureza em que se encontra o corpo espiritual. Assim, para que a saúde do corpo seja alcançada, o homem deve tentar restituir as condições de verdadeira saúde que já estão previamente contidas em seu espírito. O corpo humano, em seu estado original, seria um corpo saudável e com plenas condições de se restabelecer de possíveis doenças que possam atacá-lo. A doença seria uma maneira de promover a verdadeira saúde do homem, um elemento regulador para se alcançar uma saúde plena, algo que não poderia ser considerado como negativo, mas um ponto útil e eficiente na busca do ser humano pela sua evolução espiritual:

O homem é a obra-prima da criação de Deus, não havendo nada que se lhe possa comparar. Segundo a Bíblia, ele foi feito à imagem de Deus, o que é uma verdade inegável. Sua estrutura mística é um mistério que jamais será desvendado pela Ciência. Quando muito, esta o conhece superficialmente ou em pequena parte; assim, é impossível afirmar se levará milhares de anos para desvendá-lo ou se nunca irá conseguir isso. Pensemos com calma. O funcionamento de vários órgãos do corpo, a sutileza da vontade-pensamento, a expressão dos estados de satisfação, ira, tristeza ou prazer, a extrema sensibilidade do tato a ponto de a pessoa sentir coceira quando é picada por uma pulga, a capacidade de exprimir todas as idéias através do código lingüístico e de distinguir o sabor dos alimentos, a misteriosa diferença na expressão fisionômica dos 1,8 bilhões de habitantes do globo terrestre, cujos rostos, que não medem mais que um palmo, nunca são iguais, todos estes mistérios e maravilhas fazem-nos louvar o poder do Criador. Não há palavras principalmente para expressar a capacidade da procriação, da qual é dotado o homem, e o mistério que envolve o processo da formação de um ser humano. É óbvio, portanto, que a Ciência nunca poderá desvendar o mistério da vida, pois o homem não é criação sua, como os robôs. Quando a pessoa adoece, logo se inicia, nela própria, uma grande atividade destinada a eliminar a doença. Dentro de seu organismo começa a ser fabricado o seu próprio remédio. É como se houvesse, no corpo humano, um grande laboratório farmacêutico e um professor em Medicina. Se o corpo é invadido pela impureza chamada doença, o médico que há no seu interior faz imediatamente o diagnóstico e ordena que o farmacêutico prepare o medicamento, iniciando logo o tratamento. Aparelhos e medicamentos, todos eles são ultra-eficazes, e a cura é maravilhosa. Se comemos algo nocivo, a farmácia existente dentro do corpo imediatamente produz um laxante para provocar a diarreia e eliminá-lo. Se entram no organismo bactérias nocivas, o tratamento asséptico baseado na febre entra em ação. Se ocorre uma intoxicação alimentar, produz-se uma reação na pele e, através de calor e coceira, procura-se neutralizá-la, a fim de que ela não atinja os órgãos internos. Dependendo da intoxicação, os rins entram em grande atividade, processando uma lavagem com líquido, o qual é eliminado na forma de urina. Quando se inspira uma grande quantidade de poeira, ela é eliminada na forma de escarros. E assim por diante. Realmente, o corpo humano é de uma infalibilidade extraordinária. Em geral, as doenças se curam naturalmente, à mercê da Natureza; entretanto, por desconhecimento deste princípio, as pessoas recorrem aos medicamentos e aos tratamentos através da Ciência, fazendo com que a doença se

prolongue, pois são impostos sérios obstáculos ao processo de cura natural. (OKADA, 1986, pp.40-41).

É pelo desconhecimento desta relação positiva entre doença e saúde que o ser humano, segundo *Mokiti Okada*, passa a envidar esforços na tentativa de combater as doenças, descobrindo novas drogas e medicamentos que visam eliminá-las. Com isso, ele, sem perceber, acaba por debilitar o seu corpo, baixando a capacidade que o organismo possui de se recuperar. A utilização de medicamentos é para *Mokiti Okada* a verdadeira causa do enfraquecimento do corpo humano e da sua estagnação espiritual, criando dependência de um fator externo para reestabelecer a vitalidade do corpo, quadro que só será revertido mediante a mudança de pensamento do homem da atualidade em relação às doenças e ao que ele designou de processo purificador:

Sempre digo que remédio é veneno. Quando ele é introduzido no corpo, suja o sangue; sujando-se o sangue, o espírito se macula; como seu espírito está maculado, a pessoa sente-se irritada. Isso é perigoso, pois, quando ficamos irritados, esbravejamos com facilidade, o que acaba resultando em conflito. Se estamos de bom humor, ainda que sejamos provocados, as coisas se ajeitam entre risos; ao contrário, se estamos mal-humorados, estouramos pelos motivos mais insignificantes. Dessa maneira, o homem depende do seu estado de espírito para tornar-se alegre ou triste. Não podemos menosprezar tal aspecto, pois ele também tem grande relação com a sorte ou o azar (...). Temos uma situação bastante séria, a qual, em grande parte, é causada pela doença. Como o homem moderno toma remédios, as doenças proliferam, crescendo o número de criaturas mal-humoradas e irritadas. Dessa forma, aumentam as despesas médico-hospitalares, que, aliadas à falta ao trabalho, diminuem a receita das pessoas, levando-as a fazer empréstimos e causar prejuízos ao próximo. A vida, assim, vai se tornando cada vez mais desagradável. Como não se trata o mal pela raiz, a doença tende a se prolongar e, nessa angústia, muitos praticam furtos; os indivíduos de caráter fraco acabam se suicidando, sendo que, às vezes, ocorre o suicídio de uma família inteira. Tragédias desse tipo têm movimentado o noticiário dos jornais, e as mais frequentes são causadas pela tuberculose. Analisando sob esse ângulo, podemos concluir que a causa do crime é a doença, e a causa desta, o remédio. (Okada, idem, pp.38-39)

É através desta perspectiva que os sacerdotes, missionários e membros da Igreja Messiânica parecem perceber e vivenciar as suas experiências com os estados patológicos, não só as que estão diretamente relacionadas com os aspectos fisiológicos do corpo, mas também aquelas que costumamos considerar como relativas aos sofrimentos de cunho emocional. A noção de purificação serve como dispositivo mediador entre tais estados patológicos e a busca pela elevação da consciência espiritual de cada fiel a estágios mais sublimes de entendimento de sua existência aqui neste mundo.

É importante ressaltar que diretamente relacionado com tal processo de purificação, encontra-se uma das mais importantes atividades da Igreja Messiânica, a saber: o *johrei*.

Palavra de origem japonesa, composta por dois caracteres, *Joh* (purificar) e *Rei* (espírito), que, ao serem agrupados formam a palavra “purificação do espírito”. Segundo consta nos escritos do próprio fundador, o johrei tem uma origem divina e foi transmitido ao fundador da igreja por meio de uma revelação divina sobre uma grande transição que se estava sendo processada no mundo espiritual e que estava ganhando projeção no mundo da matéria.

No dia 15 de junho de 1931, *Mokiti Okada*, que já tinha recebido o nome religioso de Meishu-Sama, que significa “Senhor da Luz”, subiu ao topo do monte Nokoguri, acompanhado por cerca de 40 discípulos, e, segundo ele próprio, recebeu a grande revelação do Supremo Deus sobre a transição da Era da noite para a era do dia. Mediante um relato feito por um dos discípulos presente naquele dia, podemos ter uma idéia do que foi vivenciado e do simbolismo presente em tal episódio:

Certo dia em 1931, quando morávamos em Omori, Meishu-Sama recebeu de Deus, a ordem para ir ao templo Budista Nihonji, no Estado de Tiba. Assim, no dia 14 de junho, tomamos o trem em Ryogoku com um grupo de 28 discípulos. Naquela noite chegamos ao templo de Nihonji, mais ou menos a um quarto do caminho, no Monte Nokoguri. Meishu-Sama e todos nós da sua comitiva, tivemos uma agradável conversa até tarde da noite com o Reverendo Tanaka, o monge superior do templo, e nos despedimos com grande sentimento de gratidão pela calorosa hospitalidade que nos dispensou. Após descansarmos um pouco, levantamo-nos às 3 horas da manhã e nos preparamos para subir ao pico da montanha. Como ainda estava escuro, todos nós levamos lanternas. Quando estávamos na metade da subida, a primeira luz da aurora começou a aparecer. Naquela hora, o tempo ainda estava tão nublado, que nos impedia de ver coisa alguma em nosso caminho. Alcançamos, finalmente, o cume e com nossos corações ligados a Deus, esperamos em estado de oração, o raiar do sol. Levou algum tempo até que o sol se levantou brilhante através da neblina, envolvendo-nos numa atmosfera de grande esplendor. Com maior luminosidade, tivemos uma vista das planícies de Kanto e bem à nossa frente, pudemos ver o monte Seitho, a montanha onde Nitiren, o fundador da seita budista Nitiren, tinha alcançado sua iluminação. A grandeza do panorama estava além de qualquer descrição. As palavras não são suficientes para traduzir nossas emoções. Parecia que estávamos numa esfera celestial. Todos nós externamos o deslumbrante encantamento que surgia das profundezas de nossos corações. Seguindo a liderança de Meishu-Sama, entoamos nossa oração “Amatsu-Norito”. A mística atmosfera que nos envolveu e o poder imenso que sentimos, permanecem indelévels em minha mente. (OKADA, 1980, p.6)

No cerne da revelação recebida por *Mokiti Okada*, encontra-se esse aspecto da transição de uma fase de obscuridade para uma fase de luz e de advento de um mundo em que os chamados os 3 grandes calamidades-vento, chuva e fogo, e as 3 pequenas calamidades-doença, pobreza e conflito seriam eliminadas da fase da Terra. Tanto os três grandes males, quanto os três pequenos, possuem relação com os pensamentos, palavras e atitudes dos seres humanos, que, ao cultivarem sentimentos e pensamentos negativos, introduzirem substâncias artificialmente criadas e não naturais, tais como os remédios, alimentos cultivados com o uso

de fertilizantes e adubos químicos, acabam afetando não somente o seu próprio corpo, mas o próprio planeta.

Embora *Mokiti Okada* tenha destacado esta trilogia, ele elege a doença, ou, mais precisamente, a compreensão que temos sobre a doença, como fator primordial a ser modificado pelo seu empreendimento religioso. É dessa forma que o *johrei*, ato que tem como característica principal a purificação do espírito do ser humano, entra em cena. Consistindo no levantar das mãos para transmitir o que o fundador chama de grande luz de Deus, o *johrei*, seria uma forma de eliminar tais impurezas provenientes do pensamento e do sentimento negativo, acumulados nesta vida e em encarnações prévias, potencializando a capacidade natural que o corpo humano possui de otimizar sua saúde:

O nosso *Johrei*, todavia, fundamenta-se na eliminação das máculas do corpo espiritual. O método consiste em irradiar, pela palma da mão, uma espécie de ondas espirituais, que têm como agente principal o elemento fogo. Por ora, vou chamar essas ondas de raios misteriosos. Todas as pessoas os possuem em determinada quantidade, ou melhor, esses raios existem em número ilimitado no espaço aéreo acima do Planeta, isto é, no Mundo Espiritual. Mas por que será que ninguém descobriu antes esse método que consiste na eliminação das máculas através das ondas espirituais? Foi porque, conforme já dissemos, era noite no mundo, ou seja, o mundo estava às escuras. Como luz, existia apenas uma claridade semelhante à da Lua, e por isso era impossível obter-se a força para curar as doenças, ou seja, raios misteriosos em quantidade suficiente para apagar as máculas. (OKADA, Idem, p.70)

Ressaltamos que o *johrei* é uma entre as três práticas deixadas pelo fundador da Igreja Messiânica com o objetivo de promover a elevação dos seus fiéis, pois, aliado a este ato que se propõe a fomentar a purificação do corpo espiritual, temos a agricultura sem utilização de adubos e fertilizantes químicos, chamada de método da agricultura natural, e a apreciação do belo como forma de elevação da alma, muito centrados na prática dos arranjos florais, ou seja, da *Ikebana* (LEMLER, 1993).

Considerações finais

No presente artigo, adotamos uma premissa de que a nossa relação com a saúde ou com a doença do corpo passa pela visão de mundo fornecida pelos nossos padrões culturais. Todavia, esses padrões culturais são passíveis de variação, segundo o grupo social a ser analisado. Mesmo no seio de uma cultural, podemos ver a presença de visões distintas sobre a questão da saúde humana, se constituindo em um campo de disputas e de embates sobre qual

o tratamento que melhor responde às necessidades que o organismo humano tem de garantir o máximo possível a sua saúde e longevidade.

Desta forma, procuramos apresentar um breve quadro de algumas das práticas de medicina complementar que surgiram como contra propostas às práticas da medicina alopática aplicadas no tratamento de enfermidades humanas. O surgimento destes tratamentos nos faz lembrar que embora a ciência médica tenha conseguido tornar seus métodos de cura das doenças amplamente disseminados e utilizados por uma vasta gama da população mundial, ela não foi a única, havendo espaço para modelos alternativos e para um conhecimento elaborado fora do escopo da ciência gestada no ocidente.

Adentrando no universo específico das “novas religiões japonesas”, identificamos que elas se dedicam a cultivar uma atenção voltada para a saúde do corpo físico, em uma visão integrada da saúde espiritual e material do ser humano. A Igreja Messiânica Mundial, como uma das manifestações deste campo das novas religiões japonesas, tem no johrei o seu método de tratamento do corpo espiritual e material. O johrei, embora seja apresentado como um método que não tem por objetivo a cura das doenças, mas a promoção da felicidade humana, esta fundamentada na prerrogativa de que a verdadeira busca espiritual deve voltar sua atenção para às afecções que atingem o corpo material.

Todavia, mesmo adotando esta postura que também está voltada para uma visão holística da saúde espiritual e material do homem, muito semelhante aos que fazem parte dos movimentos do tipo Nova Era, percebemos que a religião messiânica guarda características próprias, dotada de um corpo sacerdotal legalmente constituído, normas de conduta e de procedimentos doutrinários, bem como uma estrutura organizacional destinada a promover a expansão do seu número de membros. Além disso, em termos doutrinários, essa religião não prima por uma busca introspectiva da espiritualidade, com práticas individualizadas de exercícios espirituais, tais como meditações, jejuns, orações, cânticos, afastamento do ambiente coletivo e busca por espaços de quietude, mas, ao contrário, afirma a importância dos seus devotos estarem convivendo com a sociedade maior, e objetivando sempre a promoção da felicidade coletiva. Esta seria a postura que viabilizaria seus fieis a obtenção de graus maiores de felicidade

Além disso, no caso da Igreja Messiânica, não obstante esse empreendimento de salvação coletiva seja afirmado como de caráter triplo, onde são aplicados os recursos da Agricultura Natural, dos arranjos florais e da terapia do johrei, este último tem sido a atividade que mais se desenvolveu no corpo de práticas desta religião, embora exemplos de

avanços pontuais possam ser identificados no caso da agricultura natural e dos arranjos florais, como mecanismos de ampliação do contingente de seus fiéis. É através do johrei, tido como o carro chefe deste movimento, que a igreja tem expandido as suas atividades e vem obtendo êxito na construção de sua identidade como sistema de pensamento religioso que vê na doença uma forma de transcender uma existência de sofrimento e purgação e ascender a níveis onde tais situações darão lugar a eventos de alegria, felicidade e saúde.

É no combate positivo da doença, ou seja, em uma perspectiva que vê na enfermidade uma possibilidade de melhorar a saúde física e espiritual, que o fiel desta igreja parece buscar essa situação de paraíso. Este paraíso não se instauraria no outro mundo, mas neste momento de vivência terrena, onde ser agraciado pelas dádivas divinas e pelo amor de Deus é receber deste Ser Supremo inclusive a doença, vista pela doutrina da Igreja Messiânica como purificação. É a partir desta ótica que muitos dos seus devotos procuram ver a doença, agradecendo a sua presença como possibilidade de atingir cada vez mais saúde, sendo ressignificada como uma dádiva divina e manifestação do pleno amor do criador pela sua criação, o que acena para a possibilidade de existência de novas formas de interação com o sagrado no mundo contemporâneo.

Referências bibliográficas

ADAM, Philippe & HERZLICH, Claudine. **Sociologia da doença e da medicina**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de. **Estrutura e dinâmica dos novos movimentos religiosos**. In: DE SOUZA, Beatriz M. e MARTINO, Luiz Mauro Sá. (orgs.). *Sociologia as religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil*. São Paulo: Paulus, 2004.p.139-150.

ALBUQUERQUE, Leila Marrach Bastos de. **Seicho-no-Ie do Brasil: agradecimento, obediência e salvação**. São Paulo: Annablume: FAPESP, 1999.

BARKER, Eileen. **New Religious Movements: a practical Introduction**. London, HMSO, 1989.

BECKFORD, James A. **New Religions: an Overview**. In: ELIADE, M. (ed.). *The Encyclopedia of Religion*. New York/London, MacMillian Pub, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas. Sobre a teoria da ação**. 4ª ed. Campinas/SP: Papirus, 2004.

CAROZZI, Maria Julia (org.). **A nova era no Mercosul**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CHRYSSIDES, G.D. **Exploring New Religions**. London, Cassell, 1999.

CLARKE, Peter B (ed). **Exploring New Religions**. London, Cassell, 1987. *Bibliography of Japanese New Religious Movements with Annotations*. Richmond: Japan Library, 1999.

CLARKE, Peter B. (ed.) **A Bibliography of Japanese New Religious Movements with Annotations**. Richmond: Japan Library, 1999.

CLARKE, Peter B. **Movimentos milenaristas japoneses e o papel do Brasil na construção do paraíso na Terra: a Igreja Messiânica Mundial (Sekai Kyssei Kyo)**. In: *Ilha-Revista de Antropologia* vol.2 nº1. Florianópolis: UFSC, 2000.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

COLBORN, Theo. **O futuro roubado**. Porto Alegre: L& PM, 1997.

D'ANDREA, Anthony. **O Self perfeito e a Nova Era: individualismo e reflexividade em religiosidades pós-tradicionais**. São Paulo: Loyola, 2000.

DA MATTA, Roberto. **O trabalho de campo em antropologia social. In: Relativizando: uma Introdução à Antropologia Social**. Petrópolis: Vozes, 1981.

DIXON, Michael & SWEENEY, Kieran (orgs.). **The human effect in medicine: Theory, research and practice**. London: Radcliffe medical press, 2000.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GILMAN, Sander L. **Health and Illness: images of difference**. London: Reaktion books, 1995.

GONÇALVES, H.R. **O Fascínio do Johrei, um Estudo sobre a Religião Messiânica no Brasil**. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, PUC/SP, 2003.

HINNELLS, John & ROY Porter (orgs.). **Religion, Health and Suffering**. London: Kegan Paul, 1999.

HUDSON, Robert P. **Disease and its control: the shaping of modern thought**. Westport: Greenwood Press, 1983.

IMURA, Junichi. **Johrei Handbook**. London: The johrei academy and the british johrei society, 2002.

INOUE, Nobutaka. **Shin Shukyo Kyodan Jinbutsu Jiten**. Tokyo: Kobundo, 1996.

INOUE, Nobutaka. **Umi o watatta nihon shûkyô: Imin shakai no uchi to soto** (Japanese Religions across the ocean: within and without immigrant communities). Tokyo: Kôbundô Shôbô, 1985.

KLEINMAN, A. **Patients and healers in the context of Culture: An Exploration of the borderland between Anthropology, Medicine and Psychiatry**. Berkeley: University of California Press, 1980.

LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEMLER, Kathleen. **Transformation through flowers. Spiritual and physical healing**. United States: Expressions of nature, 1993.

LOUDON, Irvine (org.). **Western Medicine: Na Illustrated History**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

LUZ, Leila Amaral. **Carnaval da Alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Mystica Urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

MAGNER, Lois N. **A History of medicine**. New York: M. Dekker, 1994.

MASANOBU, Yamada. **A concepção vitalista da salvação no Brasil: as novas religiões japonesas e o pentecostalismo**. São Paulo: Revista de estudo da religião. Nº3, 2004. pp.29-49.

MATSUDA, Fujio. **True Civilization. Realizing Mokichi Okada's ideals through MOA under the leadership of chairman Teruaki Kawai**. Japan: Pan American MOA Foundation, 2005.

MATSUOKA, Hideaki. **Japanese prayer below the Equator. How brazilians believe in the church of the world Messianity**. United States: Lexington Books, 2007.

MATSUOKA, Hideaki. **Messianity Makes a Person Useful. Describing Differences in a Japanese Religion in Brazil**. In: Japanese Journal of Religious Studies, Vol.28, numbers 1-2, 2001. pp.77-102.

MORI, Koichi. **Vida religiosa dos japoneses e seus descendentes residentes no Brasil e religiões de origem japonesa**. In: Uma epopéia Moderna - 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil. São Paulo: Ed. Hucitec - Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, pp.559-601, 1988.

MORRIS, David B. **Illness & culture in the postmodern age**. Berkeley: University of Califórnia Press, 1998.

NAITO, Akira et Alli. **The impact os self-hypnosis and johrei on lymphocyte sub-populations at exam time**. A controlled study. London: Imperial College, 2000.

NAKAMAKI, Hirochika. **Burajiru ni okeru Nikkei Takokuseki Shukyo no Gentika to Takokusekika-Pafekuto Ribati Kyodan no Baai** (A Nacionalização e Multinacionalização das Religiões Multinacionais Japonesas no Brasil - Experiência da Instituição Religiosa Perfect Liberty) In: Burajiru no Nikkei Shukyo. Anuário IX, ed. Hirochika NAKAMAKI. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, pp.57-97, 1985.

NAKAMAKI, Hirochika. **Japanese Religions at Home and Abroad: Anthropological perspectives**. London/New York:Routledge Curzon, 2003.

OKADA, Mokichi. **Johrei & Pregnancy. From the teachings of Mokiti Okada**. United States: Johrei Fellowship, 1989.

OKADA, Mokiti. **A outra face da doença. A saúde revelada por Deus**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1986.

OKADA, Mokiti. **In service to man. Life and philosophy of Mokiti Okada**. Japan: Mokiti Okada International Association, 1980.

OKADA, Mokiti. **O Evangelho do Paraíso**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1985.

OKADA, Mokiti. **Os novos tempos**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1993.

ORO, Ari Pedro. **The New Japanese Religions in Brazil: Some Remarks on the Church of World Messianity**. In: Japanese New Religions - In: Global Perspective. Peter B. Clarke (editor). Richmond, Surrey: Curzon Press. 2000.

PEREIRA, Ronan Alves. **Possessão por espírito e inovação cultural: a experiência religiosa das japonesas Miki Nakayama e Nao Deguchi**. São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japao/Massao Ohno, 1992.

PORTER, Roy (org.). **The Cambridge illustrated History of medicine**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

PORTER, Roy. **Das tripas coração. Uma breve história da medicina**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SAMA, Meishu. **Alicerce do Paraíso**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1994.

SAMA, Meishu. **Ensinaamentos de Meishu-Sama. A arte do johrei**. São Paulo: Luz Oriens editora, 2000.

SAMA, Meishu. **Ensino de Meishu-Sama: a arte do johrei. Volume II**. São Paulo: Lux Oriens, 2007.

SAMA, Meishu. **Evangelho do Céu. I-Iniciação**. São Paulo: Lux Oriens, 2001.

SAMA, Meishu. **Evangelho do Céu. II-Sabedoria**. São Paulo: Lux Oriens, 2001.

SAMA, Meishu. **Evangelho do Céu. III - Reino Divino**. São Paulo: Lux Oriens, 2001.

SAMA, Meishu. **O Pão nosso de cada dia. O alimento espiritual do cotidiano**. São Paulo: Fundação Mokiti Okada, 1995.

SANTOS, Elen Barbosa dos. **Religiões em família: continuidades e mudanças em tempos de Nova Era**. Rio de Janeiro: PPGSA/IFCS/UFRJ (dissertação de mestrado), 2002.

SFEZ, Lucien. **A saúde perfeita. Crítica de uma nova utopia**. São Paulo: edições Loyola, 1996.

SHIMAZONO, Susumu. **Seishin Sekai no Yukue** (New Spirituality Movements in Global Society). Tokyo: Tokyodô, 1996.

SIQUEIRA, Deis e LIMA, Ricardo Barbosa de (orgs.). **Sociologia das adesões: novas religiosidades e a busca místico-esotérica na capital do Brasil**. Rio de Janeiro: Garamond: Vieira, 2003.

TOMITA. Andréa Gomes Santiago. **Um outro lado da moeda: Novas Religiões Japonesas como transmissoras de noções culturais japonesas - exemplos da Igreja Messiânica e Perfect Liberty**. Dissertação de Mestrado em Letras Orientais - Japonês apresentada à Universidade de São Paulo, 2004.

USARSKI, Frank (org.). **O Budismo no Brasil**. São Paulo: Editora Lorosae, 2002.